

## **Psicanálise Para Brasileiros: História De Sua Circulação E Apropriação No Entre-Guerras.**

Cristiana Facchinetti<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

A psicanálise foi largamente utilizada no Brasil entre as décadas de 1920 e 1940 como método para a obtenção de um diagnóstico da realidade do país. Tal análise recorreu frequentemente ao “material recalçado” advindo dos costumes e folclore da tradição local. Assim, a psicanálise – uma teoria que se propôs a instaurar nas ciências do homem o sujeito do Inconsciente, heterogêneo e singular – foi deslocada de sua história e singularidade para o campo da psicologia coletiva, resultando em leituras inusitadas acerca da identidade nacional em formação, e em propostas terapêuticas para o país delas resultantes. Neste artigo visou demonstrar algumas das pautas específicas que vincularam a recepção da psicanálise no Brasil à construção da identidade nacional e do Brasil moderno. Para tanto, apresento dois legítimos representantes da psicanálise brasileira do período: um psicanalista adepto da eugenia e um escritor de vanguarda.

**PALAVRAS-CHAVE:** história, psicanálise, Brasil, identidade nacional

### **ABSTRACT:**

Psychoanalysis has been widely used in Brazil between the decades of 1920 and 1940 as a method for diagnosing the country's reality. This analysis has frequently been based on the “repressed material” coming from habits and folklore of local traditions. Thus, psychoanalysis – a theory which intends to establish the subject of the unconscious, heterogeneous and singular in human sciences – has been moved of its history and singularity to the field of collective psychology, resulting in unusual interpretations about the developing national identity, and in consequent therapeutic proposals. In this article I intend to demonstrate some of the specific guidelines that tied the reception of psychoanalysis to the national identity's construction and to modern Brazil. Therefore I present two legitimate representatives of Brazilian psychoanalysis of that period: a psychoanalyst who was a eugenics follower and a vanguard writer.

**KEY WORDS:** history, psychoanalysis, Brazil, national identity

### **1. A “matéria-prima” brasileira e seus problemas**

A partir de meados do século XIX, a preocupação com as raças e suas misturas foi se constituindo como um problema para os intelectuais brasileiros. As doutrinas racialistas europeias, como as advindas de Spencer e Comte, chegavam ao país por meio de diversos representantes.<sup>2</sup> A partir da década de 1890, especialmente, a representação da mestiçagem como marca identitária local ganhou uma versão cada vez mais pessimista, especialmente por causa da difusão das teorias degeneracionistas.

1 Psicanalista, com graduação em psicologia (UFRJ), mestrado e doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ) e pós-doutoramento em História das Ciências e da Saúde (Fiocruz). Atualmente é pesquisadora (DEPES - Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz) e Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC - Fiocruz).

2 Sobre as teorias mono e poligenistas e o problema da mestiçagem no Brasil, ver, por exemplo: Machado (2007) e Sousa (2008).

Na psiquiatria brasileira nascente, o referencial moreliano se vinculou às teorias do determinismo biológico de Lombroso, por meio de Tanzi e Riva, e à psicopatologia de Magnan (Nina-Rodrigues 1903/2004, pp. 612-621). Apoiada nelas, grande parte da literatura alienista brasileira passou a traçar um panorama para o futuro que condenava a sociedade local a obstáculos intransponíveis rumo à civilização por causa de sua especificidade racial (Schwarcz 2009). É neste tom que se desdobra toda uma literatura médico-mental acerca do desequilíbrio, da degeneração ou do primitivismo do mestiço, assim como previsões de um funesto futuro para a nação, como o ilustram os trabalhos de Nina-Rodrigues<sup>3</sup>.

“E a (...) razão dessa inferioridade é que as classes mestiçadas apoderam-se atualmente da direção do país e que a deterioração da raça branca pelo clima agrava-se cada vez mais em seus descendentes” (Nina Rodrigues 1903/2004, p. 617).

No início do século XX, principalmente em decorrência do processo acelerado de urbanização pelo qual as principais cidades do país passavam desde o início da República, as preocupações com a heterogeneidade racial ganharam a companhia das teses europeias acerca dos males da civilização para esse povo, considerado incapacitado biológica e psiquicamente (Dalgarrondo s/d). Diante dos crescentes níveis de criminalidade, corrupção, doenças e da emergência de um proletariado urbano de ex-escravos e imigrantes, as elites sociais e intelectuais tornaram-se ainda mais pessimistas frente ao problema racial.

Mas a constatação das condições precárias de saúde e educação da população frente às descobertas da microbiologia deram nova direção de resposta. A compreensão de que o povo não era, mas estava doente foi ganhando espaço e se desdobrou tanto em críticas contundentes ao sistema político brasileiro (Penna 1918), quanto na implementação de políticas sociais com ênfase na saúde pública e na educação (Lima e Hochman 1996).

No terreno da medicina-mental, essa mudança de perspectiva estimulou o deslocamento do alienismo francês, com suas teorias sobre a particularidade dos povos, em favor da idéia de que a degeneração e a doença eram exceção biológica, e que interferiam no psiquismo individual, tal como preconizava a psiquiatria organicista kraepeliana (Venancio e Facchinetti 2005).

Assim, a mudança teórica de uma crescente parcela dos psiquiatras locais propiciou a assimilação da sociedade como resultante do somatório de elementos individuais. Este novo entendimento levou a medicina mental a se debruçar mais atentamente sobre o campo do psiquismo e da personalidade, especialmente a partir do final da década de 1920 (Carvalho 1999, pp. 133-156).

O olhar científico incluía teorias da hereditariedade e da endocrinologia. No campo da psiquiatria, a hegemonia do modelo organicista passava a estar também acompanhada de diversas novidades, como aquelas advindas da psicanálise. De fato, a partir da segunda metade da década de 1910 e, mais substancialmente, durante as décadas de 20 e 30, as referências a Freud se multiplicaram em diferentes campos, desenvolvendo-se como um “sistema filosófico” que “invadiu a esfera inteira das ciências do espírito” (Porto-Carrero 1929, p. 14).

E como tal, a psicanálise passou a ser largamente utilizada como método de diagnóstico da realidade do país. A teoria do sujeito do Inconsciente, necessariamente singular, foi pensada como passível de transferência imediata da história subjetiva para o campo da coletividade, em uma leitura inusitada acerca da identidade nacional em formação.

---

3 Sobre o relevante papel de Nina-Rodrigues nos debates acerca da composição multirracial para o futuro da Brasil, ver: Oda e Dalgarrondo (2004).

## 2. O Brasil no divã de Júlio Porto-Carrero

É dessa relação recíproca e sem mediação entre indivíduo e cultura que parte Júlio Porto-Carrero (1887–1937) para colocar o país no divã. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), foi um dos primeiros psiquiatras brasileiros a estabelecer uma clínica no Brasil com base na psicanálise, em 1923. Ele se dizia (...) “um convicto da ciência de Freud” e como tal, prescrevia a aplicação da teoria freudiana “na vida diária, (na) pedagogia, até mesmo (no) comércio, (na) educação da caserna, (nos) inquéritos judiciários, (nos) sistemas penitenciários (...)” (Porto-Carrero 1929, p. 159).<sup>4</sup>

Paradoxalmente, seu nome também é lembrado toda vez que se fala dos atores cariocas que defenderam as fileiras da higiene mental e da eugenia como ciências fundamentais para que o Brasil desse início a um processo de regeneração de sua população (Costa 1989).

Assim, após sua formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1910, além de manter sua prática no Hospital Nacional de Psicopatas<sup>5</sup>, Porto-Carrero acabou por se voltar para o campo da Medicina Legal, chegando a assumir a cátedra de Medicina Legal na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil em 1929 (Russo 2005, p.133). Destaca-se, nessa sua faceta também, a participação ativa na Liga Brasileira de Higiene Mental, onde Carrero, apoiado na eugenia e na psicanálise, buscava investir não apenas no isolamento, mas também na prevenção, detecção e correção de possíveis desviantes.<sup>6</sup>

Como se vê, sua perspectiva atesta um viés que, longe de ser da ordem da ética do desejo, pressuposta pela psicanálise freudiana (Lacan 1959-60/1997), era impelida por escolhas morais que visavam o coletivo. Em consequência de seus interesses, suas apropriações da psicanálise foram claramente sustentadas pela compreensão de que esta poderia ser utilizada como instrumento para o diagnóstico de temas sociológicos, apoiado numa suposta fundação real, coletiva e estruturante do *complexo de Édipo*.

É desse modo que ao descrever os problemas de origem da sociedade brasileira, o autor recorre a *Totem e tabu* (Freud 1913/1986) para descrever o que, ao seu ver, constituía os impasses para que a sociedade local atingisse o estágio de uma nação plenamente moderna: sua precária relação com a proibição, a lei e o recalque.

Seguindo sua análise, tal instabilidade dizia respeito ao fato de ser a população constituída por “todas as raças e todos os estados de civilização”, produtora de um “povo débil” e “impotente”,<sup>7</sup> o que acabava por se refletir em movimentos sociais e políticos da nação. Em consequência, a população local espelharia uma história política marcada pela mesma fraqueza, heterogeneidade e desequilíbrio, com “movimentos abortados, de evolução incompleta”, seguidamente “sufocados pela força do poder” do pai totêmico, o que teria impedido uma mudança

4 Seu envolvimento com o tema acabou por aproximá-lo do movimento psicanalítico em São Paulo, onde Franco da Rocha e Durval Marcondes haviam organizado a primeira sociedade psicanalítica da América Latina, em 1927. Foi então por eles convidado a participar como vice-presidente da seção carioca da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), aberta em 1928, tendo Juliano Moreira assumido sua presidência (Sagawa 2011). Em 1929, a SBP foi reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA), como “Study Group”, etapa fundamental no processo de reconhecimento das sociedades de psicanálise pela Associação. Mas os membros brasileiros não tiveram interesse em se adequar aos modelos de formação psicanalítica, determinados pelo Congresso de Bad-Homburg (1925) e endossados a Durval Marcondes pelo então presidente da IPA, Max Eitingon (1930). Em consequência, Durval Marcondes optou por fechar o grupo em 1930, quando começou a buscar um analista didata interessado em imigrar para São Paulo para iniciar a formação naquela cidade (Sagawa 2011).

5 Fundado em 1852 como Hospício Pedro II, passou a se chamar Hospício Nacional de Alienados a partir da proclamação da República, em 1889, sendo renomeado como Hospital Nacional de Psicopatas na década de 1920.

6 Aliás, seu empenho valeu-lhe a participação na Comissão Central Brasileira de Eugenia, criada em 1931, para estudar critérios para a formulação da lei de restrição à imigração, de 1934 (Souza 2006).

7 Note-se a forte relação entre o pensamento de Porto-Carrero e o de Joseph-Valentin Magnan (1835-1916). Partindo da concepção poligenista da origem das raças, Magnan acreditava que a mistura delas, de diferentes patamares evolutivos, produziria um desequilíbrio capaz de resultar na desarmonia e degradação do organismo. Por causa desse desequilíbrio é que os mestiços simbolizavam a diferença fundamental entre as raças e personificavam a degeneração que resultaria desse cruzamento. (Serpa Jr. 2010).

substantiva da sociedade para o novo patamar, moderno, porque evoluído (Porto-Carrero 1933a, pp. 45-46).

Nesse sentido, a palavra “revolução”, vinculada à ideia de “evolução”, lhe era extremamente cara. Isto porque seria justamente a capacidade de fazer uma revolução contra a soberania do “pai totêmico” e de seus substitutos o que determinaria o avanço do “carro do progresso” (Porto-Carrero 1933a, pp. 49-50), dando continuidade ao “curso evolutivo” da humanidade (Porto-Carrero 1933a, p.33).

Ora, sabemos que Carrero escreve *Psicanálise de uma civilização* dois anos após a entrada de Getúlio Vargas<sup>8</sup> no poder. Este, segundo o autor, havia mantido um “presidencialismo despótico”, “temperado pela comédia de um sistema representativo e pela hipocrisia do sufrágio universal” (Porto-Carrero 1933a, p. 48), já que “um governo do povo pelo povo, o governo do sufrágio universal, em que se consulta a maioria débil ou imbecil – é assim o governo da mediocridade” (idem p. 30).

Segundo o doutor, a revolução de 1930, que havia sido gerada por candidatos à figura do herói, acabou por não ser capaz de superar “o totem” (Porto-Carrero 1933a, p. 47). Ainda assim, a roda do carro do progresso teria girado, e, avaliava, o movimento havia sido mais largo (Porto-Carrero 1933a p. 49), levando-nos cada vez mais para perto do final do processo – o progresso chegaria, necessariamente.

Ao fazer uma história do país, Carrero não quer, pois, apenas demonstrar a capacidade da psicanálise de analisar o passado, mas pretende avaliar o tempo presente, de modo a contribuir para promover “a Idade de Ouro e desejar, ao menos, não lhe ficar muito longe”. Para tanto, seria necessário “a morte do tabu para melhor felicidade do gênero humano” (idem p. 50).

Assim, além de um diagnóstico, há uma terapêutica. Vale dizer, sua esperança advinha, segundo ele, do “hino ao futuro”, da “utopia psicanalítica” (Porto-Carrero 1929, p. 21), como ele denomina *O futuro de uma ilusão*, obra escrita por Freud em 1927.<sup>9</sup> Nessa utopia freudo-carreriana, a sociedade reconstruída seria fundamentada na nova ciência: a partir do conhecimento científico acerca da “trama sexual dos impulsos”, seria possível varrer “os tabus milenares” e arquitetar, sobre seus fundamentos, “esse mundo ideal com que sonhou Freud no seu livro” (Porto-Carrero 1929, p. 186).

Essa época a advir tornaria o Brasil um país ideal. Tal mudança não se daria, entretanto, “sem pequenos recuos; o remorso ao parricídio, o temor do totem, o medo de continuar a violação da Lei Magna, continuando a ditadura” o produziriam. Entretanto, sua crença na evolução da sociedade rumo ao comunismo, “como consequência lógica e histórica da ruína do capitalismo”, fazia-o crer que a revolução estava próxima (Porto-Carrero 1933a, p. 47).

Para acelerar a subida dos brasileiros aos mais altos patamares de evolução da humanidade, a terapêutica seria a educação – pensada por Porto-Carrero como capaz de recalcar o material insuportável para a consciência moral - e a capacidade de sublimar. Tal leitura desconstruiu a concepção de diferença radical desse “brasileiro” primitivo frente ao homem civilizado. Isso porque o Inconsciente seria sempre marcado pelo primitivo ou o infantil do passado do sujeito e pelo primitivo ou arcaico da própria humanidade (Porto-Carrero 1933a). É, pois, sobre a sublimação e a questão da educação que Porto-Carrero se debruça, como forma de aumentar a velocidade da máquina do progresso.

8 Figura emblemática da política brasileira, Vargas foi o líder da Revolução de 1930, que marcou o fim da chamada República Velha, sendo responsável pela implantação das leis de proteção ao trabalhador no país. Foi presidente do governo provisório entre 1930 e 1934, presidente eleito pela Assembléia Constituinte entre 1934 e 1937 e, após um golpe de estado que implantou a ditadura do Estado Novo, permaneceu no poder até ser deposto em 1945. Foi eleito presidente em 1951 e de novo governou o país até 1954, quando se suicidou.

9 Porto-Carrero é o primeiro tradutor brasileiro dessa obra de Freud, ainda em 1934 (Mokrejs, apud Russo 2005: 130)

### 3. Uma eugênica do Inconsciente

A descoberta da microbiologia, assim como a articulação entre hereditariedade e ambiente presente na psiquiatria kraepeliana (Engstrom 2007), de grande circulação no período, permitiu que a psiquiatria local mantivesse suas teorias apoiadas na díade predisposição hereditária e influências socialmente nocivas como causa e/ou efeito das degenerações psicológicas e físicas, ainda que agora deslocadas para o terreno das individualidades. Assim, ao longo da década de 1920 vemos uma luta cada vez mais acirrada dos psiquiatras e higienistas mentais contra os maus costumes e suas conseqüentes moléstias, como a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo.

Em consequência dessa leitura, foi ganhando legitimidade a ideia eugênica da limpeza e purificação da população, especialmente por causa da compreensão de que depois de degenerado, o indivíduo deveria ser impedido de contaminar o seu entorno, para que a população brasileira pudesse alcançar o patamar de saúde que necessitava (Porto-Carrero 1933b). Assim, paralelamente ao movimento de educação e correção, voltado para os normais ou educáveis, o Doutor começou a defender concepções mais radicais e restritivas para os indivíduos anormais, chamados então pela lei de *psicopatas, alienados ou não* (Brasil 23/05/1927).

O rebotalho da população deveria passar por um processo de seleção por meio de restrições à reprodução, do abortamento dos filhos indesejáveis e degenerados e da esterilização dos incapazes (Porto-Carrero 1933b, pp. 178-182). Assim, a sociedade, pensada então como resultante do somatório de elementos individuais, deveria ser organizada a partir do funcionamento ideal de cada um de seus componentes (Carvalho 1999, pp. 133-156).

“[...] quarenta milhões de débeis mentais são número demasiado, que nunca levará uma nação à prosperidade. Mais vale quatro ou cinco milhões de adultos normais ou superiores, capazes de dirigir uma massa selecionada de imigrantes” (Porto-Carrero 1934, p. 35).

Deste modo, com apoio da psicanálise, mas sem abrir mão da eugenia, Porto-Carrero havia produzido uma concepção acerca do funcionamento mental que valorizava a hereditariedade, o orgânico e o determinismo. Para o renomado psiquiatra, os fatos históricos demonstravam que a educação e o ambiente eram insuficientes para subjugar de modo inexorável uma hereditariedade adversa. As influências do meio seriam inócuas para mudar a constituição orgânica e o temperamento psíquico dos indivíduos que, em seu conjunto, formavam o caráter; só a reprodução planejada poderia interferir no “caráter inato” da nação, destruindo aqueles incapazes de participarem da nação moderna brasileira, sem atrapalhar sua marcha.

Mas a psicanálise oferecia a compreensão de outro componente fundamental na constituição mesma do comportamento psicossocial: o entendimento de que o enfrentamento entre esse caráter e o meio era crucial para a formação da *personalidade*. Haveria lugar, então, para uma moral condicionada pelo meio e pela educação, ainda que essa estivesse assentada sobre um “caráter” orgânico. O ser humano permaneceria sob a injunção do determinismo biológico, em constante embate com o meio, em um processo relativo de adaptação social, sendo permanentemente influenciado pelo seu entorno e por suas reações emocionais (Kehl 1941).

A *personalidade* seria, pois, constituída pela junção da hereditariedade e da educação, de tal modo que, diante do encontro dessa camada profunda e fundamental – compreendida por Porto-Carrero como o Id (o caráter *verdadeiro*, resultado apenas dos impulsos internos) - com a sociedade, conformar-se-ia um Ego, resultante de nossa adequação funcional ao meio, sob a influência da civilização (Porto-Carrero 1933c). Há, portanto, na teoria da personalidade de Porto-Carrero, um modo de superação do primitivismo, considerado *natural* e, portanto, passível de evolução por meio da educação científica. A psicanálise seria capaz de produzir a sublimação, considerada como o desvio de metas sexuais para metas valorizadas socialmente (Russo 2005: 144-145). No caso da degeneração, entretanto, a educação psicanalítica ou científica poderia agir apenas na superfície da constituição, permitindo a contenção e o disfarce dos impulsos degenerados por meio da repressão.

#### 4. A educação do Id e a “Idade de Ouro” da nação

A importância da educação na contenção e disciplinarização dos corpos, na racionalização da sexualidade e na transformação do primitivo Id em Ego, por meio do trabalho da sublimação, leva-nos ao último e talvez mais importante uso instrumental dessa *eugênica* do Inconsciente.

A inferioridade do povo brasileiro, a mistura de negros, brancos, indígenas e de seus tabus milenares estariam no âmago dos complexos a serem recalçados em prol da disciplina e da modernização da sociedade. E tal como proposto por Porto-Carrero a partir de *Totem e Tabu*, a psicanálise poderia auxiliar de diversos modos na evolução do primitivismo da “raça”, auxiliando, por exemplo, na eliminação do misticismo e do sentimento religioso primitivos (Porto-Carrero 1929).

A psicanálise passava, deste modo, a oferecer novos meios para se interpretar e tratar de antigos obstáculos para a instalação “completa” da modernidade no país: se as marcas primitivas *naturais* dos brasileiros (como a preguiça e a sexualidade) estavam fixadas de forma indelével em nosso *caráter inato*, elas eram também uma porta de acesso a um passado ontogênico, constituindo um fenômeno psíquico inconsciente geral (idem).

“(…) O ‘primitivo’ é deslocado para o interior do sujeito e o evolucionismo deixa de ser pensado de modo unicamente externo, para se acoplar a uma espécie de “evolucionismo” interno. Cada um de nós, independente da raça, tem um “eu primitivo” dentro de si, que deve ser educado, civilizado, transformado” (Russo 2002: 55-56).

Deste modo, o primitivismo deixava de ser um fator que particularizava o Brasil. Toda a humanidade trazia no seu passado o bárbaro, uma vez que todo homem possuía um Id primitivo que necessitava ser disciplinado, civilizado e transformado (Plotkin 2009). O que a psicanálise trazia como novidade era uma prevenção certa contra essa predisposição desde a infância (Kehl 1941), de modo a formar “as bases da educação moral do brasileiro” (Porto-Carrero 1929).

Se as tradições e costumes, a afetação e o excesso dessa massa miscigenada e primitiva precisavam ser contornados, a psicanálise, por outro lado, afirmava serem esses mesmos excessos a fonte das metas mais elevadas da humanidade. Assim, caberia à ciência dar nova direção para suas tendências. Era preciso incentivar a sublimação das pulsões sexuais infantis, por meio da educação sexual.

“Dada a profunda influência da sexualidade na formação e operação da psyche infantil, não é justo que a educação se furte ao lado sexual da vida e repila, simplesmente, como *immorales*, as manifestações e os conhecimentos sexuais. Urge fazer a educação sexual” (Porto-Carrero 1929, pp. 58-59).

O conceito de *sublimação* foi, portanto, interpretado por meio de uma lente que introduziu a aptidão para a educação e a reorientação dos impulsos sexuais para fins civilizatórios. As marcas do excesso “das raças primitivas” deixaram de se constituir como obstáculo insolúvel para o progresso, desde que as pulsões primitivas e infantis pudessem ser deslocadas por meio de um trabalho educativo, para alvos mais elevados (Plotkin 2009).

A educação científica, em suma, era a maior aposta de Porto-Carrero para a evolução da população e para a formação de indivíduos capazes de adentrar patamares de cidadania ainda não alcançados no país (Russo, 2005).

Com esse auxílio luxuoso, seria possível “soerguer o povo rude”, tal como se faz com a “criança incapaz”, já que no meio dele haveria homens capazes, que deveriam ser entregues à sociedade para serem educados. Assim, não era porque “(eram) pobres, ou porque (eram) pretos, ou porque (eram) ilegítimos, ou porque (eram) judeus, ou porque não (tinham) um protetor” que deveriam ficar à margem do projeto civilizador que levaria à Idade do Ouro. A seleção dos indivíduos seria feita a partir de sua “capacidade de trabalho, o seu rendimento de energia em prol da coletividade” (Porto-Carrero 1933a, pp. 238-239).

Por outro lado, muitos “que (tinham) dinheiro, (eram) louros, (eram) filhos de pai alcaide, (tinham) bênção do Papa e padrinhos solícitos (seriam), estes sim, inferiores” (Porto-Carrero 1933a, p. 240). Quanto a estes, que se mostravam incapazes de evoluir e eram considerados inadaptáveis às necessidades da nação moderna por causa de sua constituição degenerada, deveriam sofrer restrições de reprodução – seja pelo abortamento dos filhos indesejáveis socialmente, seja pela esterilização (idem pp. 178-182).

Assim, Porto-Carrero propunha aos primitivos a educação como terapêutica; para os degenerados, porém, só o extermínio de sua herança poderia salvar o país de seu desequilíbrio, ainda que uma educação científica pudesse pelo menos minorar os efeitos funestos de sua convivência com a sociedade sadia. O doutor acreditava que a implementação de tais políticas nos levaria ao grande destino que a cadeia evolutiva impunha:

“Dos nossos esforços reunidos, possa derivar um Brasil melhor - eis o nosso ideal; não é tudo: que o Brasil futuro, maior pela instrução, celebre os nossos esforços - eis o que nos impõe, tyrannico, o inconsciente” (Porto-Carrero 1929, p. 62).

## 5. Do degenerado ao moderno-modernista

A aposta educacional-psicanalítica de Porto-Carrero implicava, como contrapartida, portanto, uma atitude eugênica perante os “*under-men*” (Porto-Carrero 1933a, p. 219). E entre estes, Júlio Porto-Carrero dedicou especial atenção a um perigo considerado por ele como “tremendo”: a categoria dos “mediamente aptos”, ou “mediócras inteligentes”, que era constituída por “toda a turma de personalidades psicopáticas” que, apesar de seu “grau intelectual alto”, teria “incapacidade acentuada para adaptar-se à norma” (Porto-Carrero 1933a, p. 31), constituindo-se como obstáculo à ordem e ao progresso da nação.

Nesta categoria surgem aqueles cujas utopias e projetos de modernidade difeririam em número, gênero e grau do doutor. Esses “inadaptados”, “que buscam dar-se ares de aptidão superior e, não podendo cumprir realizações úteis, engendram os mais interessantes simulacros de tais realizações”, eram aqueles que preenchiam as fileiras futuristas (...), conformando “a vanguarda da longa turba do futurismo e do expressionismo” (Porto-Carrero 1933a, pp. 35-36).

Aos olhos do médico, os vanguardistas seriam, assim, degenerados, “perturbados na própria fisiologia, onde taras se acumulam e os tóxicos viciosos devastam”. Em consequência, a ruptura com os cânones clássicos não se daria por eles serem os arautos de uma nova arte, já que, para Júlio Porto-Carrero, sua arte, como “expressão biológica do sentimento”, só poderia ser aquilo mesmo o que se via, “um aleijão” “regressivo e primitivo” (idem p. 36).

“(…) saudosos do estado infantil e primitivo, sebastianistas do selvagem, ‘antropófagos’ que até se denominam alguns; fazendo tabula rasa dos milênios de civilização acumulados, querendo ser autóctones no solo pátrio, para recalcar a possível idéia de um aventureiro do Espinho ou de uma rameira de Alfama acaso degredados em séculos idos, para as praias de Santa Cruz” (Porto-Carrero

1933a, p. 37, grifos nossos).

Ao classificá-los no âmbito da psicopatologia, o eugenista do inconsciente nos aponta sua filiação teórica: “esses intermédios” inadaptados seriam aquilo que Magnan havia denominado de gênios degenerados-superiores (Postel & Quérel 1993, pp. 353-356), seres com a intelectualidade intacta, mas com as emoções comprometidas pelo desequilíbrio, fruto de sua degeneração.

Essa leitura não era nova: desde o século XIX, a psiquiatria articulava a loucura, o primitivismo e a degeneração para uma análise psicopatológica da obra de arte e, principalmente, de seus autores (Lombroso 1889; Tardieu 1872; Prinzhorn 1922/1984). No Brasil, alguns autores também trabalharam na direção de uma análise psicopatológica dos artistas e personagens, especialmente por meio de uma leitura de cunho psicanalítico, como é possível verificar na Revista de psicanálise, de 1928, ou em diversos trabalhos de Ozório César, como em A arte nos loucos e vanguardistas, de 1934.

Mas o que é particularmente interessante para o nosso tema, é que esses “sebastianistas do selvagem” (Porto-Carrero 1933a, p. 37), produtores de obras consideradas degeneradas por vários autores da época, vão também se apropriar dos referenciais teóricos que circulavam no país, como Freud, para desconstruir o modelo de identidade para o brasileiro proposto por autores como Porto-Carrero, e para afirmar sua estética. É dessa apropriação que trataremos a seguir.

## 6. Modernismo e psicanálise: uma questão de identidade

“O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira” (Andrade, O. 1941/1990, p. 120).

“A metáfora da nação como um homem doente” (Borges 2005, p. 46), que atravessou o pensamento social e médico desde os fins do século XIX, passou a ser acompanhada também da decepção advinda das sangrentas batalhas ocorridas ao longo da Primeira Guerra Mundial. A “barbárie na civilizada Europa desacreditou as pretensões da *Belle Époque* da elite brasileira” (Borges 2005, p. 58). A posterior quebra de confiança na economia cafeeira e o *crack* da bolsa de Nova Iorque ao final dos anos de 1920, desmapearam ainda mais as certezas acerca do futuro, abrindo novas frentes de debates em um momento de profunda instabilidade dos vínculos identitários tradicionais.

Como efeito do questionamento acerca da violência, do mal-estar e da decadência da velha Europa, que marcaram textos entre diversos intelectuais europeus e, entre eles, os das vanguardas literárias, abriram-se fendas discursivas que deslocaram a noção de uma civilização única, ápice de uma linearidade positiva e evolutiva (Teophilo 2010), para um modelo cultural que tornava possível a busca uma identidade própria, fora das amarras impostas pela “cultura europeia caindo de podre” (Revista de Antropofagia, 2<sup>a</sup> dent. (5) 1929/1975)

Segundo Mário de Andrade, esta era ainda uma questão em aberto:



“O que me interessava (...) era descobrir a entidade nacional dos brasileiros. Depois de pelejar muito, tive certeza de uma coisa: o brasileiro não tem caráter (...). E com a palavra caráter não de termino apenas uma realidade moral não, em vez disso, entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na história, na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque ele não possui a sua própria civilização, nem uma consciência de sua tradição. Os franceses têm caráter, assim como os iorubas, os mexicanos. Talvez a contribuição de sua própria civilização, perigos iminentes e consciência secular tenham auxiliado, mas o certo é que esses uns têm caráter. Já os brasileiros não. Eles são como um rapaz de vinte anos de idade: embora já seja possível perceber nele tendências gerais, nada está definido ainda. É a partir desta falta de caráter psicológico que se movimenta nossa falta de caráter ético e, especialmente, nossa existência, que é marcada por soluções de improviso” (Andrade, M. 1992, p. 15. tradução nossa).

A mudança no olhar sobre a população, que havia levado o sanitarismo e o Pensamento Social a se debruçarem mais atentamente sobre o interior do Brasil para garantir a evolução do processo civilizatório (Elias 1996), se desdobrou, nessa versão, na busca da cultura popular para a invenção de uma identidade autônoma, tal como proposta pelo movimento modernista<sup>10</sup>.

A nova perspectiva levou a que os modernistas passassem a denunciar os *sequestros*<sup>11</sup> (Andrade, M. 1931/2002, p. 388) que mantinham o pensamento brasileiro colonizado e provinciano, bem como as forças econômicas, políticas e religiosas que, com apoio das vanguardas literárias, bem como com Marx, Nietzsche e Freud (Andrade, O. 1992) deveriam superar.

Neste processo, conceitos como “recalque”<sup>12</sup> e “Inconsciente” passaram a circular por entre esses autores no resgate das heranças populares, com o objetivo de “libertar os mais diferentes recalques históricos, sociais, estéticos e étnicos do país” (Facchinetti 2002). Junto com este movimento, como afirma Lafetá (1974, pp. 11-12), os modernistas passaram a considerar os diferentes elementos culturais da civilização ocidental como os responsáveis pela *amnésia* local, responsabilizando-a, igualmente, pelos sintomas de uma literatura beletrista, marcada pela cópia. A proposta modernista passava a ser a de recuperar os “confins e bordas esquecidos no presente” como método para tomar posse do Brasil, por meio da apropriação simbólica e da invenção (Birman 2009).

Para tanto, utilizaram a psicanálise como instrumento para o “retorno do recalado” da tradição popular e para a ruptura com o modelo cultural europeu, bem como para com a ciência organicista e evolucionista das raças, propondo uma análise culturalista e pulsional do brasileiro moderno-modernista.<sup>13</sup> Pensavam propiciar, deste

10 O modernismo já se difundia em diferentes círculos literários de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte entre os anos de 1917 e 1921. As propostas de Oswald e Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcante e Ribeiro Couto, bem como daqueles que foram se aproximando do grupo inicial, passaram a ser também divulgadas por meio de revistas, como *Klaxon* (1922-1923), *Estética* (1924); *Terra Roxa e outras Terras* (1926), *Revista Verde* (1927-1929), *Revista de Antropofagia* (1928), etc., assim como diversas colunas e artigos no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Comércio*, como na coluna permanente de Oswald, “Feira das Quintas”, e a própria *Revista de Antropofagia* (2ª Dentição 1929). O movimento ganhou maior amplitude a partir da Semana de Arte Moderna (1922), que se desdobrou na constituição do Grupo dos Cinco, integrado por Oswald e Mário de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Menotti del Picchia (1923) (Ver sobre o movimento: Brito 1997; Boaventura 1985).

11 O termo *Verdrängung* de Freud foi traduzido inicialmente por M. Andrade e, sob sua influência, por Drummond e Milliet, como *sequestro*, enquanto que a medicina psiquiátrica da década de 1920 utilizava o termo como *repressão*. “A diferença de nomeação já contém em si sinais da diferença de interpretação. Enquanto que a *repressão* aponta para a ordem do Estado e de seus mecanismos de controle, o *sequestro* aponta para modos de operação limitados que impossibilitam a produção de novas formas de subjetividade” (Facchinetti 2003 p.119).

12 Segundo pesquisas de Rafael Dias de Castro (2011) em correspondência entre Arthur Ramos e Júlio Porto-Carrero (1931), os tradutores cariocas de Freud da década de 1930 passaram a distinguir *Verdrängung* (recalcamento) de *Unterdrückung* (repressão).

13 Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manoel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Cícero Dias e Flávio de Carvalho são alguns do que trataram da psicanálise em

modo, a formação da identidade brasileira; uma identidade, entretanto, marcada por conceitos como os de divisão, inconsciente e pulsão, cuja síntese paradoxal era a da desconstrução das essências (Helena, 2000).

## 8. No divã de Oswald de Andrade: diagnósticos da psicanálise antropófaga

O estudante de filosofia (1913) e bacharel em direito (1919) José Oswald de Souza Andrade (1890-1954) foi um dos escritores do Modernismo de primeira hora. Após 1912, quando viajou por vários países europeus e tomou contato com a vanguarda futurista, Osvaldo, como o chamava Mário de Andrade, iniciou um percurso de paulatina ruptura com a literatura “modorrenta” e “provinciana”. O processo, que começou a se esboçar em Mon coeur balance e Leur âme (1916/1991) e em artigos de sua revista O Pirralho (1911-1918), se afirmou nas experimentações que resultariam na primeira prosa modernista, o livro Memórias sentimentais de João Miramar (1924/1990) (Boaventura 1995).

Seu trabalho ganhou maior visibilidade a partir de 1918, quando era redator do Jornal do Comércio. Após críticas violentas feitas por Monteiro Lobato (1997), defendeu publicamente a exposição de Anita Malfatti, ocorrida em 1917, aumentando ainda mais a repercussão do debate entre o moderno e o antigo no meio literário e artístico local. A partir de então, Oswald passou a se reunir em torno do primeiro grupo modernista, com Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Di Cavalcanti. Juntos, com a cooperação de outros artistas, orquestraram a Semana de Arte Moderna de 1922 (Boaventura 1995).

O foco desse primeiro momento modernista era a busca do urbano moderno: o cotidiano citadino, o progresso, os meios modernos de comunicação - como o cinematógrafo e o telégrafo -, bem como as experimentações estéticas para expressar de forma nova essas mudanças. A preocupação com a questão da brasilidade, apesar de presente,<sup>14</sup> só ganhou mais força a partir do “Manifesto Pau-Brasil”, publicado no Correio da Manhã, (18/03/1924) e republicado (de forma ampliada), no ano seguinte, na abertura de seu livro de poemas, o Pau-Brasil (1978).

É a partir de então que se conforma de maneira mais sistemática a busca de recuperar os traços sequestrados pela tradição europeia, para a recuperação e também invenção de uma “língua nacional, neológica”, que rompesse com os cânones academicistas e se impusesse contra os primeiros sinais de enfraquecimento do modernismo, que, segundo Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, advinham de um compromisso com o construtivismo (Holanda 1926/1988).<sup>15</sup>

De fato, alguns grupos começavam a apoiar um modernismo “construtor”, como Sérgio Milliet, Ronald de Carvalho, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e Afonso Arinos e, em consequência, se afastaram do primitivismo a partir de 1926 (Boaventura 1995). Liderando o grupo, estava Mário, que afirmaria, posteriormente, contra o seu Macunaíma (1928/1993):

“ (...) se foi escrito divertidamente, a releitura do livro me principiou doendo fundo em seguida. Hoje ele me parece uma sátira perversa. Tanto mais perversa que eu não acredito mais que se corrija os costumes por meio da sátira” (Andrade, M. 1929/1968, p. 58).

---

livros e artigos no período (Facchinetti 2001).

14 Especialmente no “Prefácio Interessantíssimo” da Paulicéia desvairada (1922/1987) de Mário de Andrade (Boaventura 1985).

15 Com a publicação do “Manifesto Pau-Brasil”, o grupo modernista começou a se dividir. Contra o movimento Pau-Brasil surgiu o “Grupo Anta”, de Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia; contra o academicismo de Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, se posicionaram Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, pela revista Estética, se aliando, em contraposição, às propostas de Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Couto de Barros e Raul Bopp. Graça Aranha é outro que se afastou do movimento. Mário e Oswald continuaram trabalhando juntos e se defendendo mutuamente, até 1929, quando romperam em definitivo. (Facchinetti 2011)

Diante das dissidências, o grupo de Oswald e Tarsila do Amaral (1886-1973), que na época era sua mulher, radicalizou ainda mais o papel da destruição e do primitivismo com o Movimento Antropófago, após a publicação do “Manifesto Antropófago” no primeiro número da Revista de Antropofagia (Andrade, O. 1928/1975). A proposta do movimento estava já bem delineada: “A descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo.” (Revista de Antropofagia, 2ª dent., (2), 1929/1975).

É na afirmação da anarquia, da divisão do sujeito e da desordem, e contra os projetos de ação social construtores e de síntese, que Oswald se aproxima mais imperiosamente de Totem e tabu (1913/1986) de Freud, trazendo como ideia central (tal como o fez Porto-Carrero, aliás) a morte do pai (do patriarcado) para o estabelecimento de uma sociedade matriarcal. Para este fim, o índio antropófago usava os dentes da agressividade, do conflito e da revolução: afinal, para Oswald a vida se constituía por meio do conflito e da ambivalência. Como resultado, ele proteria a “a dialética (como) o seu maior instrumento” (Andrade, O. 1992, p. 103).

Mas ao contrário de Júlio Porto-Carrero, que no mesmo período vinha se dedicando a Totem e tabu (1913/1986) para justificar que o nosso primitivo povo teria impedido a revolução, Oswald afirma, já ao final de sua vida, em 1954:

“A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. [...] julgo essencial uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita” (Andrade, O. 1992, pp. 231-232).

Afinal, a valorização do primitivo antropófago seria o que permitiria a construção de uma oposição consistente frente ao homem histórico, para “jogar fora a opressão mítica do Sinai junto com as opressões econômicas que o afligem” (idem p. 102).

Assim, Oswald utilizou-se de Freud para diagnosticar o patriarcado (ou a sociedade capitalista), marcado pela dupla moral do homem civilizado (Freud 1908/1986), que havia recalcado a sexualidade, a preguiça e a alegria primitivas (Nunes 1979, p. 62), garantido as moléstias advindas do sadismo e do poder sobre o outro, do recalque do sexual e da culpa, pensada por Oswald como os “males catequistas” (Andrade, O. 1928/1975)

“Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama.

Freud acabou com o enigma mulher

e com outros sustos da psicologia impressa” (Andrade, O. 1928/1975).

Apesar do uso da psicanálise como instrumento principal para a denúncia da estratégia “recalcante” do patriarcalismo, bem como de suas mazelas, como a histeria e outras neuroses, Oswald propunha a superação da proposta freudiana por meio do movimento antropófago. Ao invés de trazer à superfície os males causados pela modernidade apenas, como Freud teria feito, a Antropofagia seria capaz de enfrentá-los e mesmo de romper com

os valores egóicos-patriarcais. A revolução contra o superego e contra o ego permitiria então à sociedade atingir uma nova “consciência ética”, capaz de levá-la a uma refundação, a partir do modelo matriarcal (Chamie 2005).

Oswald se serve da psicanálise, portanto, com o objetivo claro de diagnosticar, em nossas particularidades, essa “realidade social, vestida e opressora” trazida pelas caravelas. Porém, tal como o Moisés de Freud (1939/1986), a psicanálise guiaria os antropófagos para a utopia, mas se manteria fora dela. A revolução caraíba (Andrade, O. 1928/1975) pretendia ser ainda maior do que a revolução freudiana (Freud 1917/1986): ao interpretar que o modelo identitário por nós tomado como civilizado era, na verdade, fruto do tabu da cultura europeia, “imposta de fora”, Oswald propunha inverter e transgredir a verdade enlatada e a totemização do tabu da superioridade, na direção de uma “realidade sem complexo, sem loucura, sem substituições e sem penitenciárias do Matriarcado de Pindorama” (Andrade, O. 1928/1975). É dessa terapêutica que trataremos a seguir.

## 8. A alta Antropofagia como terapêutica para o Matriarcado de Pindorama

Como em Porto-Carrero, vemos que em Oswald há também uma Idade de Ouro a se alcançar. Assim, seu projeto está longe de ser apenas estético, mas se lança na proposta mesma de uma mudança social (Schwarz 1983, p. 69): visa o fim do patriarcado, representado pela sociedade burguesa e capitalista.

Essa descida à Antropofagia também tem um vínculo com Freud (1913/1986), mas dessa vez de maneira especular. O Antropófago propõe a revolução caraíba por meio da desobediência e da vingança tribal (Nunes 1978), em um ato de enfrentamento e de fricção frente ao tabu, para sua transformação em totem. As palavras de ordem pregavam ainda a negação à propriedade, a posição anticolonialista, o direito ao gozo e ao ócio em uma vida comunitária e libertária, sem qualquer limitação aos prazeres pulsionais.

A nova era seria a de “um (...) matriarcado que se avizinha” (Andrade, O. 1978, p. 83), um tempo em que o coletivismo substituiria as classes sociais (Andrade, O. 1978), sem, entretanto obedecer aos princípios do comunismo, que Oswald, a essa altura, considerava estar também contaminado pelo “parasita do patriarcalismo messiânico” (Andrade, O. 1978, p. 122). Essa recusa, como a recusa à Freud não é, entretanto, absoluta. Mas aqui, a proposta de uma sociedade sem classes se aproxima cada vez mais do anarquismo (Chamie 2005). Segundo Benedito Nunes,

“(Nessa) sociedade planificada, em que o progresso material assegure a todos uma grande margem de ócio, a existência humana, desafogada da luta pela satisfação de suas necessidades primárias, passará a ser atividade gratuita e criadora” (Nunes 1979, p. 67).

Assim, o Matriarcado do Pindorama é um cenário antropofágico, uma utopia imaginária que a um só tempo destrói os valores da tradição colonialista e mantém alguns valores da modernidade, como a industrialização e a tecnologia (Santiago 1989, p. 108), que serviriam ao homem para fazê-lo alçar o ócio e a alegria (Andrade, O. 1978, p.18). Afinal, “só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica resolveria os problemas atuais do homem e da Filosofia” (idem p. 129).

Pindorama é, assim, uma bricolagem cinematográfica, mestiça como o Brasil: Estão aí inclusos o popular, o europeu, o selvagem tecnizado, a ciência, a arte, o ócio, Freud, Nietzsche, Hegel e Marx, bem como suas infinitas e ambivalentes misturas (Souza 2002, p. 102). É do conflito e da fricção com os inimigos que a revolução se alimenta, na substituição da especulação lógica, metafísica, racional e egóica pela assimilação dos fatos, modos de ser, de sentir e de agir advindos da consciência-estômago antropófaga: “tupi or not tupi: that’s the question” (Andrade, O.

1928/1975).

Deste modo, a utopia oswaldiana, longe de afirmar a normalidade, a ordem e a saúde, propostas pelos nossos psiquiatras-psicanalistas do período, propunha que enchêssemos a pança com a tradição local, já que já éramos “a utopia realizada, bem ou mal, em face do utilitarismo mercenário e mecânico do Norte” (Andrade, O. 1978, p. 153); e deglutíssemos também o inimigo europeu, mastigando seus saberes e técnicas, em um processo digestivo que nos guiaria para as utopias de um mundo novo.

#### 4.0. Psicanálises?

Ao nos debruçarmos sobre esses dois autores do entre-guerras, quando a psicanálise se difundiu pelo Brasil, buscamos demonstrar que o uso das mesmas obras de Freud levou a apropriações que eram, muitas das vezes, diametralmente opostas, resultado das posições éticas, políticas, pessoais e interesses profissionais diferenciados, desdobrados em sua filiação intelectual.

Por outro lado, há um solo discursivo comum em que os dois autores consolidaram suas leituras, sendo emblemática dessas apropriações da psicanálise o constante ir e vir pelo caminho que vai da subjetividade à sociedade, em uma mudança de foco que nada mais é do que a passagem de um para a soma de cada um dos brasileiros que conformam o todo. Tal perspectiva não difere tanto suas leituras do que fazia grande parte dos intelectuais naquele período; tampouco a proposta de utopias: o país estava prenhe delas. Mas o que as particularizava era o uso da psicanálise, que orientou profundamente as preocupações dos autores, sobretudo quando eles enveredaram pela seara de diagnosticar e tratar o problema do caráter nacional ou da *brasilidade*, como preferiria Oswald.

A inserção da psicanálise em projetos que procuravam apontar soluções para o futuro do país persistiu até a metade do século XX. Dentre os fatores que contribuíram para a mudança posterior de foco, está o afastamento de muito dos modernistas da psicanálise, especialmente por sua aproximação ao comunismo, como o indica Mário de Andrade:

“Ultimamente, dei para achar paupérrima a psicanálise. Não acho errada, não, acho paupérrima. Esse mundo imenso do ser humano ficou reduzido a meia dúzia de noções gerais e genéricas, que não esclarecem nada, são mesquinhas, tipo de generalizações conformistas e acomodatórias da pequena burguesia” (Andrade, M. 1983, p.66) .

Outro fator que certamente alterou a direção de leitura da psicanálise no país foi o crescente interesse dos psicanalistas locais em atender às demandas de formação da IPA (*International Psychoanalytical Association*) ao longo da década de 1940, o que certamente modificou suas leituras “selvagens” e modificou a compreensão da psicanálise, cada vez mais voltada para a singularidade e para as fantasias inconscientes, em um projeto psicanalítico de ruptura com questões locais e com o sentimento de pertencimento. Como afirmaria, posteriormente, um importante membro do primeiro grupo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) no contexto de uma nova ditadura, diante das cobranças sociais de seu posicionamento político: “(...) É vital ter em mente que estamos considerando um relacionamento verbal entre dois indivíduos e não o de um grupo. O objetivo da pesquisa analítica é o de apresentar o paciente a si mesmo” (Almeida Prado 1976, p.268).<sup>16</sup>

Finalmente, o fim de teorias voltadas para raças e grupos após a derrota da Alemanha nazista na II Guerra Mundial certamente alterou a orientação das leituras locais e fortaleceu o viés das ciências sociais, com o estabele-

16 Sobre as características da psicanálise ao longo da ditadura no Brasil, conferir Facchinetti e Ponte (2003).

cimento de novas filiações e autores para a leitura do social.

A indicação de tais mudanças confirma o que buscamos demonstrar neste artigo: mais do que uma verdadeira e correta leitura de um determinado saber, de um conhecimento uníssono que protege o leitor de erros de interpretação no acesso ao conhecimento, são os contextos e interesses coletivos e científicos, marcados por problemas sociais e ideológicos, que abrem caminho para uma determinada apropriação de um saber (Aschheim 1994). Assim, é o problema do primitivismo, da degeneração e da mestiçagem o que levou a essas formas particulares de apropriação da psicanálise, difundida pelos diferentes meios intelectuais no período (Plotkin 2009, p.61).

A circulação da psicanálise no país serviu, portanto, como uma nova solução para o eugenista “missionário” do inconsciente, que passava a propor que (quase) todo id pode se tornar em ego; e também virou iguaria para os dentes do Antropófago, que desejava tornar o Brasil o Matriarcado do Pindorama, uma terra em que todo ego seria derrotado pelo id, para o franco gozo de todos. Deste modo, a psicanálise ofereceu instrumentos novos para difíceis impasses que atores do início do XX pensavam ser seu dever resolver, em especial, a questão da construção da identidade nacional, o que, convenhamos, seria um tema pouco afeito à pena de Sigmund Freud.

## Referências Bibliográficas

- Almeida Prado, Mário Pacheco (1976) “Realidade Social e Psicanálise”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10: 267-268.
- Andrade, Mário de (1922/1987) “Paulicéia desvairada”. *Poesias completas* (Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP)
- Andrade, Mário de (1928/1993) *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. (Belo Horizonte: Vila Rica)
- Andrade, Mário de (1929/1968) *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. (Rio de Janeiro: Ed. do Autor)
- Andrade, Mário de (1931/2002) *Carlos e Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Lélia Coelho Frota (org.). (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias)
- Andrade, Mário de (1983) *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. (Rio de Janeiro: José Olympio)
- Andrade, Mário de (1992) Trecho de carta. *Brasilien - Entdeckung und Selbstentdeckung, Junifestwochen*, (Zürich: Benteli Verlag)
- Andrade, Oswald de (1924/1990) *Memórias sentimentais de João Miramar*. (São Paulo: Globo/ Secretaria de Estado da Cultura)
- Andrade, Oswald de (1924) “Manifesto da poesia pau-brasil”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18/mar.
- Andrade, Oswald de (1928/1975) “Manifesto Antropófago”, *Revista de Antropofagia*, 1ª dentição (1), 1º de maio. Reedição fac-símile de José Mindlin da primeira e segunda dentições. (São Paulo: Abril/Metal Leve)
- Andrade, Oswald de (1941/1990) *Os condenados. 1ª parte: alma. O aluno de romance Oswald de Andrade* (São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura)
- Andrade, Oswald de (1978) *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira)
- Andrade, Oswald de (1992) *Estética e Política, ensaios e crítica*. M. Eugênia Boaventura, (org.) (São Paulo: Globo)
- Andrade, Oswald de (1916/1991) *Mon coeur balance; Leur amê*. (São Paulo: Globo)
- Aschheim, Steven E. (1994) *The Nietzsche legacy in Germany: 1890-1990*. (London: UCP)

- Berger, Peter (1986) *Perspectivas sociológicas*. (São Paulo/ Petrópolis: Vozes)
- Birman, Joel (2009) “Tradição, memória e arquivo da brasilidade: sobre o inconsciente em Mário de Andrade”. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 16 (1): 195-216.
- Boaventura, Maria Eugenia (1995) *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. (São Paulo: Unicamp)
- Boaventura, Maria Eugenia (1985) *A vanguarda antropofágica*. (São Paulo: Ática)
- Borges, Daim. (2005) “‘Inchado, feio, preguiçoso e inerte’: A degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940”. *Teoria & Pesquisa*, 47(2): 43-70.
- Brasil (1927) *Decreto n.17.805, de 23 de maio*. Aprova o regulamento para execução dos serviços da Assistência a Psicopatas no Distrito Federal.
- Brito, Mário da Silva (1997) *História do modernismo brasileiro, 1: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6. ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira)
- Carvalho, Alexandre Magno Teixeira de (1999). “Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil”. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos* 6(1), Jun 1999 . Retrieved July 06, 2012, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701999000200007&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200007&lng=en&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000200007>
- Castro, Rafael Dias (2011) “*Onde era o Id, será o Ego. Onde era o sertão, será Brasília*”: a psicanálise como ferramenta civilizadora (1914-1944). Dossiê de Qualificação de tese de Doutorado. (Rio de Janeiro: PPGHCS – COC/Fiocruz).
- Cesar, Ozório (1934) *A arte nos loucos e vanguardistas*. (Rio de Janeiro: Flores e Mano).
- Chamie, Mário. (2005) “Freud, Oswald de Andrade e Antropofagia”. *Revista de Cultura*, (Fortaleza/São Paulo) 43, janeiro. Retrieved July 08, 2012, from <http://www.revista.agulha.nom.br/ag43chamie.htm>
- Freira Costa, Jurandir (1989) *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. (Rio de Janeiro: Xenon Ed.)
- Dalgallarrondo, Paulo (s/d) *Civilização e loucura – Uma introdução à história da etnopsiquiatria*. (São Paulo: Editora Lemos)
- Elias, Norbert (1996) *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar)
- Engstrom, Eric J. (2007) “‘On the question of degeneration’ by Emil Kraepelin (1908)”. *History of Psychiatry*, 18, (389): 389-398.
- Facchinetti, Cristiana (2001) *Deglutindo Freud: histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil (1920-1940)*. Tese de doutorado. (Rio de Janeiro: PPGTP/UFRJ).
- Facchinetti, Cristiana (2002) “O antropófago e Freud”. In: Cristiana Facchinetti (org.) *Lições de psicanálise 1*. (Rio de Janeiro: UniverCidade Ed.)
- Facchinetti, Cristiana (2003) “Psicanálise modernista no Brasil: um recorte histórico”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 13(1):115-137. Retrieved July 08, 2012, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312003000100006&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312003000100006&lng=en&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312003000100006>.
- Facchinetti, Cristiana & Ponte, Carlos Fidélis (2003) “Da “profissão que não existe” no Brasil”. Trabalho apresentado no *II Estados Gerais da Psicanálise*. Retirado da web em 24/06/2012 de : [http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/port/trabalhos/1\\_Facchinetti\\_46110903\\_port.htm](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/port/trabalhos/1_Facchinetti_46110903_port.htm)

- Freud, Sigmund (1939/1986) *Moisés e o monoteísmo*. In: Obras psicológicas completas. Vol. XXIII. Edição Standard Brasileira. (Rio de Janeiro: Imago)
- Freud, Sigmund (1927/1986) *O futuro de uma ilusão*. In: Obras psicológicas completas. Vol. XXI. Edição Standard Brasileira. (Rio de Janeiro: Imago)
- Freud, Sigmund (1917/1986) “Fixação em traumas: o Inconsciente”. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. In: Obras psicológicas completas. Vol. XVI. Edição Standard Brasileira. (Rio de Janeiro: Imago)
- Freud, Sigmund (1913/1986) *Totem e tabu*. In: Obras psicológicas completas. Vol. XIII. Edição Standard Brasileira. (Rio de Janeiro: Imago)
- Freud, Sigmund (1908/1986) *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*. In: Obras psicológicas completas. Vol. IX. Edição Standard Brasileira. (Rio de Janeiro: Imago)
- Helena, Lúcia (2000) *Modernismo brasileiro e vanguarda*. 3 ed. (São Paulo: Ática).
- Holanda, Sérgio Buarque de (1926/1988) “O lado oposto e outros lados”. In: Francisco de Assis Barbosa (org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. (Rio de Janeiro: Rocco)
- Kehl, Renato (1941) *A psicologia da personalidade: guia de orientação psicológica*. (Rio de Janeiro: Francisco Alves)
- Lacan, Jacques (1959-60/1997) *A ética da psicanálise. O seminário. Livro 7* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar)
- Lafetá, João Luiz (1974) *1930: a crítica e o modernismo* (São Paulo: Duas Cidades)
- Lima, Nísia T. & Hochman, Gilberto (1996) “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In: Marcos Chor Maio e Ricardo V. Santos (org.) *Raça, ciência e sociedade* (Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil)
- Lobato, Monteiro (1997) “Paranóia ou mistificação”, *Jornal do Comércio*, (São Paulo, 11 jan.1918). In: Brito, Mário da Silva *História do modernismo brasileiro, 1: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira)
- Lombroso, Cesare (1889) *L’homme de génie*. (Paris: Félix Alcan)
- Machado, Maria Helena Pereira Toledo (2007) “A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo ‘degeneracionista’”. *Revista USP, São Paulo*, 75, set/nov: 68-75. Disponível em <[http://www.revista-susp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-99892007000400008&lng=pt&nrm=iso](http://www.revista-susp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892007000400008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 jul. 2012.
- Melloni, Maria Teresa Saraiva (2009) *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação (Rio de Janeiro: PPGHCS-COC/Fiocruz)
- Nina Rodrigues, Raimundo (1903/2004) “A paranoia nos negros: estudo clínico e médico-legal”. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, (São Paulo, 7 (2): 161-178, jun. (parte 1); 7(3):131-158, set. (parte 2); 7(4): 217-239, dez. (parte 3). Acesso em 2/6/2012 em: [http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume07/n4/aparanoia\\_nos\\_negros\\_estudo\\_clinico\\_e\\_medicolegal.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume07/n4/aparanoia_nos_negros_estudo_clinico_e_medicolegal.pdf)
- Nunes, Benedito (1979) *Oswald canibal* (São Paulo: Perspectiva)
- Nunes, Benedito (1978) Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira). pp. XI-LII.
- Oda, Ana Maria Galdini R. (2003) *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na*



- obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Tese de doutorado. (Campinas: Universidade Estadual de Campinas).
- Oda, Ana Maria G. R. & Dalgalarrodo, Paulo (2004) “Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: a paranoia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues”. *Revista latinoamericana de psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 7(2): 147-160, jun. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun4/historia.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- Penna, Belisario (1918) *Saneamento do Brasil*. (Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunais).
- Plotkin, Mariano Ben. (2009) “Psicoanálisis y *habitus* nacional: un enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis en Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*. Bogotá, 13 (27) /Jul-Dez: 61-65. Available from <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0122-51972009000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-51972009000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 July 2012.
- Porto-Carrero, Júlio Pires de (1929) *Ensaio de psicanálise* (Rio de Janeiro: Flores e Mano).
- Porto-Carrero, Julio Pires (1933a) *Psicanálise de uma civilização*. (Rio de Janeiro: Editora Guanabara; Waissman; Koogan)
- Porto-Carrero, Júlio Pires de (1933b) “O exame pré nupcial como factor eugênico”. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, 6(2), abr-jun.
- Porto-Carrero, Júlio Pires de (1933c) *Sexo e Cultura*. (Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Waissman, Koogan)
- Porto-Carrero, Julio Pires (1934) *Grandezas e Misérias do Sexo*. (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti)
- Postel, Jacques & Quérel, Claude (1993) *Historia de la psiquiatria*. (México: Fondo de Cultura Económica)
- Prinzhorn, Hans(1922/1984) *Expressions de la folie: dessins, peintures, sculptures d'asile*. (Paris: Gallimard)
- Russo, Jane A. (2002) *O mundo psi no Brasil* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar)
- Russo, Jane A. (2005) “Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador”. In: Luiz Fernando Dias Duarte; Jane Russo; Ana Teresa A. Venancio (orgs.) *Psicologização no Brasil: atores e autores*. (Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria)
- Sagawa Roberto Yutaka (2011) “Um recorte da história da psicanálise no Brasil”. *Homepage PSI-COC*, Retirado da web em 16/3/2011 em: <http://www.cocsite.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigos1.pdf>
- Santiago, Silviano (1989) *Nas malhas da letra* (São Paulo: Companhia das Letras)
- Schwarcz, Lília Moritz (2009) “Nina Rodrigues: um radical do pessimismo?” In: André Botelho et al. (orgs.) *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. (São Paulo: Cia das Letras)
- Schwarcz, Roberto (1983) *Que horas são?* (São Paulo: Companhia das Letras)
- Serpa Jr., Octavio Domont de (2010) “O degenerado”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*,17(Supl. 2): 447-473. Recuperado em 07 de julho de 2012, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702010000600011&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000600011&lng=pt&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000600011>.
- Sousa, Ricardo Alexandre Santos de (2008) *Agassiz e Gobineau – as ciências contra o Brasil mestiço*. Dissertação de mestrado. (Rio de Janeiro: PPGHCS – COC/Fiocruz)
- Souza, Eneida Maria de (2002) *Crítica Cult* (Belo Horizonte: UFMG)
- Souza, Vanderlei Sebastião de (2006) *A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação de mestrado (Rio de Janeiro: PPGHCS –COC/Fiocruz).

- Tardieu, Ambrose Auguste (1872) *Étude medico-legale sur la folie*. (Paris: J.-Bailliere et fils).
- Teles, Gilberto Mendonça (1983) *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. (Petrópolis, Vozes/ INL)
- Theophilo, Gabriela (2010) “Notas sobre as funções da categoria liberdade no romantismo literário brasileiro das décadas de 1840, 1850, 1860 e no modernismo literário da década de 1920”. *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. (Franca: ANPUH/SP – UNESP). Cd-Rom
- Venancio, Ana T. A & Facchinetti, Cristiana. (2005) “Gentes provindas de outras terras”. Ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.*, 8 (2): 356-363. Acesso em 20/06/2012. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=233017503009>
- Ventura, Roberto (2000) *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914* (São Paulo: Companhia das Letras)

**Periódicos** (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional e do IEB-USP):

*Estética* (1924-1925)

*Revista Klaxon – mensário de arte moderna* (1922-1923)

*O Pirralho* (1911-1918)

*Revista Brasileira de Psicanálise* (1928) I, (1), jun.

*Revista de Antropofagia* (1. denteção, 1928/1975). In: Reedição fac-símile de José Mindlin da primeira e segunda denteções. (São Paulo: Abril/Metal Leve).

*Revista de Antropofagia* (2. Denteção, 1929/1975). In: Reedição fac-símile de José Mindlin da primeira e segunda denteções. (São Paulo: Abril/Metal Leve).

*Revista Verde* (1927-1929)

*Terra Roxa e outras Terras* (1926)